

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



A imponente varanda da casa-mãe da nossa Aldeia de Paço de Sousa.
«Cedros, granito — beleza eterna.»

Notas do tempo

É a tarde de 25 de Abril de 1976. Televisão e Rádio vão-nos informando de como decorrem as eleições por esse País em fora.

Admirável o nosso Povo! Quem se atreverá a dizê-lo indigno ou incapaz da Democracia?! Tão lisonjeado tem sido quanto desservido por vãos faladores, obreiros de nada ou de demolição — o Povo verdadeiramente trabalhador que merece um Estado que O sirva e não que diga que O serve.

«Heróis do Mar, nobre Povo, Nação valente e imortal...» Tem parecido insinuar-se que a nossa história é um passado de vergonhas. Heróis silenciados, quando não transformados em anti-heróis; e estes, feitos à pressa, invertidos em «Nação valente e imortal».

Como há um século, em hora de decadência, é urgente «sentir entre as brumas da memória, a voz dos nossos egrégios avós», para «levantar hoje, de novo, o esplendor de Portugal». Não o esplendor de um triunfalismo fácil, cantado em falsete patriótico; sim a dignidade de um País honrado que tem o seu lugar, modesto mas de direito, no seio das nações. Um País consciente da sua verdadeira dimensão e pronto a respeitá-la, a preenchê-la e — porque não?! — a ampliá-la pelo esforço perseverante de se ultrapassar a si-mes-

mo cada um dos seus cidadãos.

Não é ao Povo que faltam qualidades potenciais para este projecto. O que lhe falta são dirigentes que, antes de mais, assumam, humildemente, para si este mesmo projecto, para depois cumprirem o seu papel de dinamizadores de um progresso que depende menos do progressismo das ideias do que da vontade decidida de «pôr a mão ao arado e não olhar para trás».

Homens, homens que entendam o poder como o serviço dos outros e não de si-próprios ou do seu clã, onde estarão eles?... — eis a dramática interrogação que a todos se nos põe.

Só a perfeição do Homem

fará a Sociedade perfeita. Estruturas são estruturas. Meio inegavelmente necessário, a investigar diligentemente quais as mais adaptadas a cada Povo, que delas não há à venda em «pronto-a-vestir».

Aqui não se põe o problema do ovo e da galinha. Primeiro é o Homem. Ele conceberá as estruturas e elas ajudá-lo-ão a progredir e a perseverar. Quanto mais lineares, quanto mais ao rés da Natureza que Deus fez, tanto mais fecundas serão para a fecundidade do Homem, a cuja felicidade devem ser ordenadas. E o Homem irá vendo os seus defeitos e corrigindo; e

Cont. na QUARTA pág.

Festas

Através da vidraça do lugar onde escrevo eu vou mastigando a beleza do ensaio geral que os festeiros estão a fazer. Hoje é com roupas e tudo. Eu não acreditava que tudo ia ser tão vistoso!

Não sei se hei-de escrever, se hei-de somente saborear. Mas se saboreio sozinho, os Amigos ficam com água na boca. Que encanto que tudo isto é! Que encantadores que todos eles são! E o Ruizinho que há dias, à mesa, trepou por mim a cima a dizer com os dedos que fazia três anos. Que lindo ele vai ser, pois tão lindo ele é!

Quando esta notícia chegar a teus olhos já muitos nos têm abraçado e beijado. Quando chegarmos à tua beira não fiques de braços cruzados. Vem fazer a Festa connosco. O ambiente na sala do Avenida, de Coimbra, foi tão escaldante e ficou tanta gente sem lugar, que nos obriga a segunda Festa, no dia 13 de Junho às 18,15 h!

Atenção à «tournée»:

- 10 de Maio — Teatro-Cine — Covilhã
- 11 " " — Cinema Gardunha — Fundão
- 12 " " — Cine-Teatro Avenida — Castelo Branco
- 15 " " — Salão dos Bombeiros — Cantanhede
- 16 " " — Teatro Alves Coelho — Argamil
- 24 " " — Cinema do Casino Peninsular — Figueira da Foz
- 27 " " — Cine-Teatro Messias — Mealhada
- 30 " " — Monumental — Lisboa
- 4 de Junho — Cine-Teatro José Lúcio da Silva — Leiria
- 11 " " — Teatro de Anadia — Anadia
- 13 " " — Teatro Avenida — Coimbra

Padre Horácio

Lourenço Marques

A nacionalização do Ensino e Saúde em Moçambique surpreendeu-nos pela forma como foi processada. Bastaria dizer que após o discurso do Presidente foi executada, imediatamente, pelas forças populares. Os próprios sectores governamentais foram surpreendidos. Foi testemunha do desapontamento e desorientação.

Aparecem, depois, a Comissão do Fundo Liquidatário do Ensino Particular que se apropriou dos fundos e de todos os bens. Poderia ter-se chamado comissão de extinção. Os cofres foram fechados, as contas de banco congeladas e os bens arrolados. Nalgumas Missões apontaram minuciosamente o que os missionários tinham no quarto; até as árvores foram contadas nos campos. Autenticamente presos em sua casa, pois nem no quarto podiam entrar sem a companhia de um guerrilheiro e para retirar os ovos da capoeira tinham de fazer uma requisição ao Camarada.

A nossa Aldeia, como instituição de educação, foi abrangida na sua totalidade. Chegaram um dia três elementos da Judiciária, mais uma militante branca. Rapariga nova, educada e muito atenta a tudo. Arrolamento de todos os bens, móveis e dinheiro que era apenas 217\$20 e nos dias seguintes fica connosco para observar e fazer o seu relatório minucioso, conforme instruções que trazia em carta de porte, onde era exigido «ao ex-director da Casa do Galato» que facultasse tudo quanto precisava. Atenção rara ou única.

Não é necessário encarecer o temor, não de nos expormos tais quais, mas sim pela presença dos agentes da Polícia, muito enigmáticos, que durante um mês não saíram da nossa Casa, dia e noite.

Continua na QUARTA página

PALAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Foram cerca de três meses sem comunicação, sem notícias radiofónicas e nem sequer imprensa escrita satisfatória. Resumindo: estivemos três meses bloqueados do resto do Mundo. Eis aqui as razões concretas que nos levaram a não darmos notícias para muitos milhares de leitores nossos ansiosos de saber a nossa situação.

Pois bem, os nossos sectores de trabalho, nas oficinas, estão quase paralizados, há largos meses. A seralhar é que começa a dar uns sinais de vida com um ou outro «biscato» que felizmente vai aparecendo. A carpintaria, de momento, está com alguns sinais de vida. Acerca dela, dizia o sr. Fernando, nosso mestre de obras, a um visitante, que a oficina nem sequer cobria as despesas da massa consistente que as máquinas necessitam. A construção civil encontra-se paralizada.

Quanto à Lavoura, que foi a nossa fonte de vida, encontra-se também em crise. Deixou de haver exportação de banana e com ela, devo acrescentar, que nos «cortaram o braço direito». As culturas secaram completamente por falta de combustível, o que se justifica, pois estivemos bloqueados. Com a época do cacimbo à porta, estamos a preparar alguns hectares de terreno para a cultura da batata, que na nossa balança económica talvez consiga fazer face ao prato dos pesos que nos assola bastante. A Pecuária tem sido a fonte vital e nela recaem as nossas atenções de momento. Esta é a situação em que se encontra a nossa Aldeia, no aspecto material, de uma maneira resumida. Agora faz-se a pergunta: Será dramática? Catastrófica? Boa? Má? Pois aqui fica uma série de interrogações para aqueles que nos admiram e os que não nos admiram poderem dar a sua resposta. Mas, a hora não é de desânimo; pelo contrário, já passámos momentos terríveis que o nosso Padre Manuel e nós sofremos no corpo e na mente. Temos é que nos manter firmes, para fazermos face aos problemas mais ou menos espinhosos. Se não nos mantivermos firmes, então eles treparão por cima de nós e pode ser o princípio do fim.

A guerra está totalmente arrumada e a desejada paz parece que voltou. Antes dela foram meses de pânico que assolaram esta Angola — de cara lavada — les-alsés. Ela não arrumou totalmente a casa, ou melhor não lavou totalmente a cara, pois começa a aparecer muito oportunismo que se intitula de revolucionário de 1.ª hora, quando afinal só vieram à mó de cima depois do terrível temporal ter passado. A esses apenas um nome se lhes pode dar: «auténticos parasitas». Desculpai-me a expressão usada. Mas todos conhecem a história real do cogumelo que eu irei narrar: «O cogumelo é um parasita; logo vive à custa do outro ser vivo que não seja da sua classe. Ora, o cogumelo só aparece

à face da terra depois do temporal ter passado». Se formos analisar este facto verídico podemos tirar uma conclusão. Não custa nada; é uma questão de reflexão.

Na verdade, houve — e não poucos — que nesta guerra sofreram na carne e na alma. Lembro-me, em Outubro passado, do banco de urgências; vejo um camponês totalmente desfigurado, já sem um membro inferior, a dar os últimos suspiros. Contou uma pessoa de família que era do Cubal. Ele, como chefe de família, teve a preocupação de sair da sua aldeia para ir à cidade à procura de víveres. Mas a viagem não chegou ao fim. A meio dela encontrou um engenho explosivo, que ele próprio ignorava; pôs-se a mexer e foi o fim. Estou também a lembrar-me dos primeiros dias de Novembro, em que mais de 300 famílias vieram abrigar-se sob o nosso tecto, a quando das confrontações bélicas. E cá estiveram alguns dias, sempre com o pão à boca e todo o nosso carinho, até ao fim dos confrontos. Houve até uma mãe que chegou a dar à luz um bebé, na lavandaria, quando do rebentamento do material sofisticado. Jamais esquecerei o Natal de 75 em Benguela. Foi uma coisa bárbara, um acto de puro vandalismo, ao lembrarem-se fazer tiros e rebentamentos de material pesado na noite de 24 para 25. E prolongou-se até ao fim da tarde de 25. Não souberam escolher outro dia senão este. Foi triste. Não me vou alongar mais.

A Humanidade detesta guerras, odeia esses trágicos conflitos periódicos provocados pela ambição e pela sede de alguns ditadores. Se ao menos pudéssemos eliminar o medo do desconhecido, rejeitar por completo os mal-entendidos, veríamos que para toda a divergência de opiniões haveria sempre uma solução pacífica. Pois só esse caminho de compreensão e cooperação é que levará os pensamentos da Humanidade a alcançar o ponto a que é indispensável chegar: a um mundo em que reine para sempre a Paz entre os homens de boa vontade.

Solano

MIRANDA DO CORVO

TRABALHO — Como é costume, os estudantes que estão no Lar de Coimbra vêm passar as férias para fazer alguns trabalhos que requerem maior responsabilidade dos rapazes.

As nossas batatas precisavam de ser sachadas, estavam já grandes, mas com muita erva. Pensámos em saçar as batatas depressa, mas o tempo não ajudou e havia outros serviços, de maneira que não fizemos o trabalho durante as férias.

Enquanto as batatas do Olival dos Poços estão à espera de sacha, as outras que foram semeadas posteriormente ainda não se vêm. Esperamos ter uma boa colheita.

ELEIÇÕES — No Domingo de Páscoa realizaram-se eleições para se apurar quem deveria ser o sub-chefe já que o Zé, que era o sub-chefe, está a cumprir o serviço militar.

Foram eleitores todos os maiores de 14 anos com a 4.ª classe. Podiam ser eleitos os maiores de 17 anos, inclusivé.

Nos resultados, houve três empates; justamente o Zé Albino, o Ribeiro e o Zéquita, todos com 7 votos. Em novo escrutínio, os resultados foram os mesmos.

Fizemos então uma reunião para decidirmos uma solução. A opinião geral optou por novas eleições e o resultado foi o mesmo dos anteriores; continuavam os três empatados com 7 votos. Umas eleições curiosas!

Resolvemos, então, que ficaríamos os três como sub-chefes, mas por ordem de idades. Assim, o Zé Albino, o mais velho, ficaria mais responsável, seguindo-se o Ribeiro e depois o Zéquita e com missões diferentes.

FESTAS — Será escusado dizer que no centro das nossas preocupações está a realização das nossas e vossas Festas.

A nossa vida, em alguns sectores, quase pára a fim de podermos realizar as Festas! Os sacrifícios são muitos, mas a presença do público que enche as salas e os carinhos que nos dão pagam esses sacrifícios.

Nicolau

PAÇO DE SOUSA

PÁSCOA — Não vos vou falar de Páscoa, pois não sei se estão recordados, eu ainda há muito pouco tempo vos falei.

A nossa Páscoa correu bem, graças a Deus.

No Sábado Santo, tivemos a vigília pascal. Logo em seguida, no refeitório, tomámos cacau que serviu de pequeno-almoço para o dia seguinte.

No Domingo de Páscoa, todos os que foram à vigília pascal ficaram na cama até quererem.

O almoço, claro, foi melhorado, não faltando as deliciosas amêndoas.

Depois, os mais pequenos foram ao circo que, nesse dia, se encontrava nesta localidade.

O resto do dia correu normalmente.

Foi assim a nossa Páscoa!

ORAÇÃO — Foi à noite. Eu esperava no pátio da casa 4 r/c para falar com o nosso «Félix».

Entretanto, todos se preparavam para a oração da noite, o que nós todos os dias fazemos antes de deitar.

Uns, os mais brincalhões, entretinham-se com os jogadores; outros falavam, etc.

Por fim, tudo sossegou e começou a oração dos pequenitos, oração diferente da das outras casas.

Vou transcrever-vos o lindo poema que eles cantam, acompanhados da sr.ª D. Maria Angélica:

O dia chegou ao fim
Silêncio, a noite desceu
Boa noite paz em Deus.

Por tudo quanto nos deste
A paz, a luz e o calor
Obrigado ó Senhor.

Um lindo poema.
A oração dos pequenitos!...

JOGO — Os mais pequenos também jogam.

No dia 25 de Abril, os mais pequenos defrontaram um clube dos arredores.

Jogo bravo e ferrenho, ganhámos por 7-4.

No primeiro tempo, e como os visitantes tinham dito que queriam uma equipa de pequenos, nós assim fizemos. Mas, quando eles chegaram, traziam uns matulões e, claro, pensámos logo que nos iam ganhar.

«Chegado o intervalo, fizemos umas modificações na equipa.

— Há que pôr rapazes mais velhos porque senão...

Os nossos estavam na casa dos 10 e 11 anos, respectivamente. Os outros não sei as idades, mas sei que o mais velho deles tinha 17 anos!

Mas o resultado é que conta... Foram só 7-4!

BAPTIZADO — No dia 24 tivemos um baptizado.

Como os leitores sabem, temos em nossa Casa, vindas do Ultramar, duas mulheres de rapazes nossos, respectivamente «Melo» e Júlio (ex-«Tira-olhos»). Este último veio à Metrópole para levar a mulher e conhecer o filho que nasceu há dias.

Uma vez cá, aproveitou para baptizar o menino.

Estiveram presentes pessoas amigas, os nossos padres e rapazes nossos. Mais um filho de Deus e neto da Obra!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

INEFICÁCIA — Uma mulher jovem, envelhecida pela cruz da vida, aborda-nos mais uma vez, debulhada.

— Não tenho dinheiro para dar de comer às meus filhos e à meu home.

— E da Caixa, nada?!

— Inté hoje, nem reforma nem abono!

Por isso, há meses, abrimos um crédito regular na mercearia para terem o mínimo de subsistência digno de seres humanos.

— O merceiro não dá além da conta...

— Pois não.

— Acuda-nos!...

— Os responsáveis da Caixa haviam mas é de estar aqui, a ouvir o que V. diz. Procurariam, decerto, ser eficazes.

Lá foi ao merceiro buscar mais uma remessa de víveres!

Curiosa ironia, os sobrescritos da Caixa afirmam que «a Previdência não dá esmolas!» Mas, por

ineficácia, não falando já dos limitados benefícios, defrauda temporariamente do ponto de vista moral e material numerosas famílias deste País, a quem os recoveiros dos Pobres têm de dar a mão todos os dias...

No caso vertente, o beneficiário requereu a pensão de invalidez há mais de três anos, cujo deferimento se arrasta incompreensivelmente. E, agora, na recta final, para cúmulo, enquanto se respeita um regulamento caduco, fica um numeroso agregado familiar temporariamente sem quaisquer benefícios, do subsídio de doença ao abono de família. Lamentável! Este critério não infringe o consignado na Constituição do País, não é um atentado aos Direitos do Homem!?

Problemas deste género já foram do conhecimento do Terreiro do Paço. Lembramos que um responsável despachou no sentido de obviar inconvenientes desta ordem. Mas as coisas permanecem no mesmo pé!

Outro caso concreto: Abordámos uma delegação da Caixa, a propósito do impasse na concessão de pensão de sobrevivência a uma Viúva abrangida pelo despacho de Novembro de 1974. Esclareceram que Lisboa não responde a perguntas formuladas pela delegação sobre casos relacionados com esse esquema de pensão! Entretanto, a pobre Viúva foi a Lisboa tratar do assunto, pessoalmente!!

«A Previdência não dá esmolas!»

PARTILHA — Vamos indicar as migalhas que, diariamente, chegam a nossas mãos com destino aos Pobres.

Esta coluna é um acto de fé e de esperança nas potencialidades que Deus proporciona aos homens de boa vontade. É um quadro vivo de que tudo pode morrer menos a Caridade; anónima, oportuna, discreta, humilde — cristã.

Por isso mesmo, à natural prudência do nosso tesoureiro — «estamos a ficar outra vez depenados; só hoje (dia 25 de Abril) pagámos mais de seis contos de mercearia!» — o Senhor, nosso Deus, responde na hora própria!

Ai do mundo se o calvário doloroso dos Pobres não abanasse as almas!...

À frente da coluna, «uma portuense qualquer»:

«Tendo recebido este mês mais do que habitualmente, em virtude de um reajustamento de ordenados, apresso-me a enviar parte desse aumento (100\$00) que gostaria fossem entregues à Conferência Vicentina.»

Mais 50\$00 da assinante 9022. Quatro vezes mais da assinante 27572 «pela alma dos que me foram mais queridos». Legendas que calam fundo! Duas Igrejas — Romariz, 130\$00. De Torres Vedras, migalhas; sangue de Pobres!! Rua do Carmo, Porto, um vale de correio com 140\$00. Mais



Calvário

Não há esquema político que aprove o como vivemos. Há aqui qualquer coisa (eu diria muita) que os transcende. Pois nós aceitamos os mais doentes entre os mais pobres, acudindo-lhes de mãos vazias sabendo que é assim que nada lhes virá a faltar. O viver incerto que preferimos é afirmação de valores que a vida pública não toma para o seu jogo.

Eis a presença de tantos que nos entendem e conosco apostam neste modo de ser.

Etelvina, da Foz, com 1.000\$ e a promessa de voltar, ela que a vem cumprindo há longo tempo. «Portuense qualquer», com 200\$ todos os meses, há não sei quantos anos e «o desejo sincero de poder continuar a repartir pelos irmãos alguns bens que o Senhor me dá». Alguém do Porto, com 1.000\$, do aumento de ordenado. Ana Maria, com 100\$. Luíza, com outro tanto. Anónima da R. das

Papóilas, com 70\$ todos os meses. Conceição de Lisboa, com 500\$. «Figueirense», com a mesma quantia. Silvina de Cascais, com o dobro. Ainda com 1.000\$, «Zé ninguém». Ernest Oswald, todos os meses, com uma carta no Lar do Porto.

A. Ramos, com fidelidade admirável, vem pedindo oração por sua mãe, todos os meses. Raúl, do Porto, faz-lhe companhia. Isolina, com 100\$. M. do Carmo, com outro tanto, bem como, Carlos de Lisboa, Palmira, Alberto, M. Tezeza, M. José de S. Mamede, Emília do Porto, Adelaide, Maria do Porto, «Pecadora» e Antonieta do Dafundo, todos os meses. Professora, com 20\$. Alzira com óbulo igual. «Sintrense», com 200\$. Beatriz, com 300\$. Ana, com metade. Ass. de Braga, com 200\$ todos os meses. Berta com outro tanto. Ainda com igual soma M. Helena. Antónia, com 250\$, bem

como Simão e esposa. Ass., com 500\$. Outro, com 20\$. M. Luíza com o dobro. Outra Emília com metade. Clementina do Porto, com 3.000\$. Anónima com 1.000\$.

O «Avô» prossegue com a cota mensal e o neto já fez quinze anos! Oporto Ladies Guild, com cheque de 3.000\$. A «Humilde Portuense» continua, com uma amizade de largos anos, a sua presença mensal. L. Simões torna com 50\$. M. Rosário, de Alcobaça, com

3.000\$. E o Bon Marché, do Porto, um cheque de 30 mil. Muito discreto vinha ele! Luís de Lisboa, com outro de 3.000\$. É uma promessa. Emília com 1.000\$. Isabel do Barreiro, com 370\$. Adelaide de Pretória, com 40 rands. Não há fronteiras para nós! Ana, com 10 contos. Princeplina, com 50\$. M. Marques, com 500\$. Senhores de Ovar, com 1.100\$. Um anónimo com 8 e outro com 10 mil. Artur com 3.000\$. Serafim com 1.000\$ de aumento de salário. Alice com 50\$. Júlia, com 2.500\$. Sacerdote, com 500\$. A mesma Júlia voltou com mais três vales de 5.000\$. Otília com 100\$. Rosa Celeste muitas vezes com igual quantia. Criada, com 20\$.

De Sabrosa, 1.000\$. De Valença, 200\$. De Setúbal, 100\$. Do Porto, o dobro. Para per-

fumar os cravos da senhora Emília, muitas achegas. As precisas que o Senhor já a veio chamar.

Da Foz, 100\$. Da Figueira, 500\$. Por alma de M. Augusto, 1.000\$, por duas vezes. Em sufrágio de J. Ferreira, 300\$. Da Maia, 170\$. Mais 1.000\$. Mais 100\$. Ao chegar o primeiro bisneto, 1.000\$. De S. Tirso, 200\$. No Lar do Porto, 1.090\$. De Oliveira de Azeméis, 100\$. De sacerdote do centro do País, 3.000\$. De Melgaço, 1.000\$. De Carcavelos, 100\$. De Ovar, mais 500\$. De Ermezinde, 3.000\$. Do Porto, de novo M. Luíza, com 40\$.

E muitas mais presenças aqui têm vindo e hão-de vir no rodar dos dias e nas viragens dos homens.

Padre Baptista

POBRES

«Conforme um despacho da Secretaria de Estado da Segurança Social, agora publicado no «Diário da República», as pessoas de idade igual ou superior a 70 anos, não abrangidas por quaisquer esquemas de previdência e que não tenham rendimentos superiores a 650\$00 mensais, se viverem em meio urbano, ou 500\$00, se viverem em meio rural, poderão habilitar-se à pensão social. «Para o efeito, deverão remeter à Caixa Nacional de Pensões uma certidão de idade narrativa simples, que poderá ser substituída pela apresentação de fotocópia autenticada do bilhete de identidade ou por este se requererem directamente, e um atestado administrativo comprovativo da não existência de meios de subsistência superiores aos indicados.»

Eis a boa notícia inserta na primeira página de um matutino do Porto.

Por curiosidade, compulsámos outros órgãos de comunicação social, mas não encontramos referência visível ao despacho. Que tristeza!

Esta decisão governamental — pelo respeito que os Pobres deveriam merecer — havia de ser obrigatoriamente publicada

ou difundida, com o merecido destaque, pelo menos em todos os mass media estatizados; dos jornais à Rádio e TV.

A decisão, porém, não faz inteira justiça. É só um lenitivo. Mas, infelizmente, na solução de problemas sociais, quando se procura tapar um furo abre-se logo uma série deles. Temos experiência.

No caso vertente, chamamos a atenção do responsável pela Secretaria de Estado, não para a pensão estabelecida, talvez de acordo com as disponibilidades do Tesouro, mas para a consequente marginalização de outros Pobres, velhos e inválidos, com idade inferior a 70 anos, do campo ou da cidade, sem nada de nada de ninguém. Não é preciso muito esforço para os detectar. Caso concreto: os Trabalhadores do Campo, inválidos, sem inscrição na Casa do Povo da área onde residem, criada após a sua incapacidade. De uma sabemos nós que enviou a Junta Central a relação de inválidos de estratos etários inferiores a 70 anos, mas tudo continua como dantes! Única solução viável: o Trabalhador requer a inscrição de associado, a Junta de Freguesia atesta que exerceu actividade na Agricultura e, ó Céus!, quando

requerer a pensão de reforma ou invalidez pagará as quotas desde a fundação da sua Casa do Povo...!!

Que dizer, ainda, de Pobres de outras profissões, homens ou mulheres, com menos de 70 anos, inutilizados ou precocemente envelhecidos, «não abrangidos por quaisquer esquemas de previdência»?

P. S. — Até que enfim!, após a composição desta nota lemos num vespertino da capital um discreto anúncio da Caixa (pago?) sobre a dita pensão social, que não invalida mas confirma a nossa opinião.

Transcrevemos os dois últimos parágrafos, com matéria oportuna e elucidativa:

«Dado que não é possível, por enquanto, tornar extensiva a toda a população a pensão social, o número de pensões a conceder, nesta fase, será limitado.

A classificação das pessoas que se habilitarem à pensão social far-se-á por idades, dando-se sempre preferência aos mais idosos.»

São critérios. Discutíveis. Ao menos, salve-se a boa intenção! E Deus permita que a ineficácia dos Serviços — é do conhecimento geral — não contribua para certidões de óbito... Di-lo a tarimba dos Pobres!

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

☉ Inicialmente fazia parte das normas desta Casa não receber nenhum rapaz sem ter feito primeiro a Instrução Primária. Durante muito tempo não se abriram excepções, pois existiam e existem ainda razões fortes para isso.

Agora, não sei se por fraqueza da nossa parte, se por não gostarmos de ver lugares vazios, trazemos cinco na escola. São precisos livros e cadernos e não sei que mais. São horários diferentes e compli-

cações nas entradas e saídas. São discussões vivas entre eles com o bom ou mau aproveitamento escolar. São os mais velhos que exigem dos mais pequenos, obrigações e deveres iguais. Há tempos apareceram todos em casa com uma circular a dizer que a cantina iria fornecer refeições extraordinárias, mas que era preciso a colaboração da família. A família deles somos nós e a colaboração tinha de ser do Lar de S. Domingos.

Procurei saber o quantitativo mensal, para em seguida multiplicar por cinco. Fui pessoalmente falar com um dos professores e ficou combinado, tendo em conta o número, dar-mos 150\$00.

Não chegámos a colaborar com nada, porque o Conselho dos Professores assim o determinou. Ficamos agradecidos e contentes por esta compreensão mútua. Entendemos que

Cont. na QUARTA pág.

50\$00, com votos de Santa Páscoa — que retribuimos — pedindo «a Deus que me dê saúde e trabalho para poder ir enviando o mais que eu puder». «Velha Amiga», da rua da Saudade — Lisboa, 100\$00. A presença habitual do assinante 18223, do Porto. «Dois irmãos unidos», 500\$00. O mesmo do assinante 10458, no Espelho da Moda, à rua dos Clérigos, Porto. «J. A. C. da Presa Velha — Porto», 50\$00. Lisboa, av. António A. Aguiar, 450\$00. Assinante 30413, de Coimbra, 500\$00; e o pedido habitual: «Não ponham o meu nome no jornal». Cumprimos, sempre, religiosamente. Mais 50\$00 de uma senhora ao serviço da Obra da Rua. Mais esta carta, de Lisboa:

«Junto envio um cheque de mil escudos dum dinheiro inesperado para ajuda da Conferência de Paço de Sousa. Leio sempre comovida todas as notícias e vejo quanto dinheiro é preciso para ajudar todos esses homens a quem a justiça não foi, não é, nem será feita. Como médica sinto muito todos esses problemas de remédios, subsídios e pensões tão difíceis de serem pagos; como todos sofrem com esses descuidos e esses atrasos tão dispensáveis.

Votos de Santa Páscoa e peço a Deus lhes dê forças e saúde para poderem continuar a ajudar os que precisam...»

Apreciamos sobremaneira o testemunho desta médica, ferida pela marginalização dos Pobres, que visita, com certeza. Repetimos: se os novos profetas vergassem a espinha nas baúças, em vez de palrarem, iriam de mangas arregaçadas para os pontos nevrálgicos procurar ou, se preciso, exigir eficácia com o seu testemunho de serviço.

Mais um vale do correio, de Lisboa. Cheque de 200\$00 do assinante 9790 «que farão o favor de aplicar da maneira que lhes aprouver». Delicadeza cristã, que termina com um pedido: «Agradeço muito a oração por todos os nossos Irmãos falecidos,

em especial pelas Almas mais abandonadas». Que bem!

Assinante 11162, do Porto, com 100\$00. Chegaram! Mais uma presença felicíssima de velhos Amigos da Murtosa. Outra «migalhinha para a Conferência, em acção de graças», de «uma amiga que pede uma oração». Avintes, 150\$00. Assinante 13519, do Porto, com «uma gotinha (100\$00) para os vossos Pobres da Conferência, apoiando todo o vosso empenho nessa campanha de bem-fazer». Oferta oportuna da assinante 17929. Outra vez Porto com uma nota que sensibiliza; ouçam: «Se meus Pais fossem vivos completavam no corrente mês de Abril mais um aniversário natalício.

Em sufrágio das suas almas, junto 500\$00 a fim de ajudar a minorar as necessidades dos vossos protegidos.»

De novo «uma portuense qualquer» com 200\$00 «destinados à Conferência que com amor ajuda a levantar Irmãos caídos em tanta miséria imerecida». Diz bem: imerecida. Mais 1.000\$00 de Tavira, pedindo anónimo. Aí está o valor. É isso mesmo, também, que nos dá força para caminhar.

Mais 20\$00 da rua Alexandre Herculano, Lisboa. E, por fim, dos arredores da capital, a presença de um recoveiro dos Pobres:

«(...) Desde há anos que venho acompanhando, dentro de «O GAIATO», do qual sou assinante, principalmente a actividade da Conferência, que está sempre na hora H e não posso deixar de os incitar a que prossigam na sua acção.

Envio para a sua cruzada com escudos. Desculpem ser pouco, mas além de pobre também faço parte de um grupo de auxílio aos Pobres — que os há infelizmente por toda a parte — fundado há cerca de um ano por iniciativa do pároco local e devo até dizer que procuro na acção da Conferência um incentivo para a minha actividade.»

Júlio Mendes

Vocações

Celebra-se em 9 de Maio o 12.º Dia Mundial de Orações pelas Vocações. O Sumo Pontífice, chefe visível da Igreja, roga a toda a Cristandade que ore e se debruce sobre o magno problema das vocações sacerdotais, em ordem a garantir, no espaço e no tempo, o anúncio da Boa Nova.

Se é certo que Cristo é o grande «chamado» e n'Ele todas as coisas foram chamadas à existência, todos nós, por razão da Sua vocação, somos solicitados a realizar a nossa, na e para a Comunidade, exercendo embora funções diferenciadas, segundo os dons ou carismas recebidos. Uma sociedade, dita cristã, que não for capaz de dar resposta, individual e colectiva, às suas necessidades e exigências, estará a negar o seu qualificativo e a atraiçoar a sua vocação. Mais: quem, dizendo-se cristão, é insensível a esta problemática, não pode considerar-se, em verdade, discípulo de Cristo e cónscio das suas responsabilidades.

Não importa multiplicar a esmo o número de sacerdotes ou religiosos. Urge apenas que aqueles que são efectivamente chamados correspondam aos designios do Alto, desembaraçando-se dos escolhos satânicos

que os enleiam ou subjugam, em ordem à satisfação das necessidades sacramentais do Povo de Deus, bem assim à pregação da Palavra e ao exercício do poder messiânico da Igreja. Ao fim e ao cabo trata-se de cada um ocupar o seu lugar, sem ideias de triunfalismo mas na mera perspectiva de servir, certos que devemos sempre constituir um «pequeno rebanho» ou um «resto», em ordem ao fermento da massa humana ou como luz e sol do mundo.

Nenhuma comunidade ou indivíduo pode, pois, eximir-se de rogar ao Pai que envie operários para a grande messe em que nos inserimos e de que somos solidários. Fomentar e cultivar vocações sacerdotais ou religiosas é um dever de todos os cristãos, a começar nas famílias, não fazendo sentido que lastimemos a sua falta quando nos recusamos a acalentá-las ou até nos opomos decididamente a que elas surjam no nosso sangue.

É a Obra da Rua uma instituição da Igreja que se dedica ao apostolado da Caridade incarnado em acção social, mormente ao serviço dos Rapazes e Doentes abandonados, sem família ou em condições equivalentes e dos Irmãos sem

abrigo. Também ela supõe vocações específicas, de sacerdotes e de leigos, homens e senhoras, sob pena de deixar de ser o que é. Se todos ansiamos por uma sociedade mais justa e feliz, que vá preenchendo todas as lacunas ou necessidades, espirituais ou temporais, que sempre as haverá, não vemos como prescindir, para já, sem violência ou arbitrariedade, dos seus serviços e, consequentemente, de vocações para realizar os seus fins. Enquanto as necessidades se multiplicam vão-se sentindo naturalmente o peso dos anos e do desgaste físico e anímico. Por isso ansiamos, embora convictos que Deus haverá de suscitar as vocações indispensáveis enquanto a Obra for precisa e útil, a vinda de novos operários, dispostos a substituir e a continuar no mesmo espírito aqueles que receberam de Pai Américo o facho de amor aos Homens neste cantinho da messe.

Aos Amigos da Obra que têm fé recomendamos a intenção atrás expressa. Aos Jovens que gostariam de ver a sua generosidade concretizada e para quem as utopias ou quimeras nada dizem ou representam, apelamos: venham e analisem seriamente o problema de uma

não existia. Alguns dias após, tive uma reunião formal com os responsáveis. Foi-me perguntado se aceitava trabalhar em Moçambique. Pelo que então sabia, estava com a Revolução. Respondi que sim, com tanto entusiasmo como oito anos antes, ao chegar. Só punha uma condição: não ser funcionário do Governo. «Sou Padre da Rua, disse; a minha vida, e tudo aquilo de que for capaz, está inteiramente ao serviço das Crianças mais carecidas de Moçambique. Não preciso de mais nada do que elas: o mesmo tecto, a mesma mesa e a mesma roupa.» Há muito que não usava batina, nem distintivo. «Mas eu sou padre, da ponta dos cabelos às unhas dos pés. Sou padre para as crianças, como sou padre aqui à vossa frente. Só como padre entendo a minha vida e a ofereço às crianças de Moçambique.» Percebi que as minhas palavras os deixaram um tanto embaraçados.

Perguntei-lhes então se haveria alguma coisa a modificar quanto à maneira de ser e orgânica da Casa do Gaiato. Responderam-me que os internatos da Frelimo, nas zonas libertadas, tirando o aspecto religioso, eram como a nossa Casa. Ainda quis acreditar, mesmo sem ver. Uma carta, recebida há dias, me diz que «agora os rapazes são maltratados, andam todos sujos, esfarrapados, descalços e até chegam a pedir esmola».

Pobres crianças a quem pensava eu nunca abandonar.

hipotética vocação. As Senhoras, viúvas ou solteiras, dispostas ao sacrifício e ao exercício duma vocação autêntica de mães de família, que nos procurem. O mundo está cheio de palavras e de messias e importa passar à acção. Só Cristo é verdadeiro Libertador e o único modelo de Amor e de Justiça que nos pode levar a produzir obras plenas de luz. N'Ele encontraremos a força para vencer as dificuldades próprias e alheias.

Quem nos diz, Leitor, que também és dos escolhidos entre os muitos dos chamados. Pensa e estuda a tua vocação. Aquil verás, no meio de pessoas vulgares, com defeitos e limitações, como é possível dar testemunho da única Testemunha que é Cristo, que tudo deu pelos Homens. Não desperdices o tempo e, muito menos, deixes passar a tua hora, que é também a dos Irmãos mais pobres e desamparados. Vem. Como agora se diz: já! Amanhã poderá ser tarde.

Lar Operário em Lamego

Cont. da TERCEIRA pág.

apesar das nossas dificuldades, não devíamos dizer que não; e os senhores professores acharam por bem dispensar-nos do pagamento. Como o mundo seria diferente e muito melhor, se cada um tivesse a consciência de que faz parte de um todo, para o qual tem de contribuir, não de qualquer forma, mas segundo a responsabilidade que lhe cabe.

● A Tómbola continua a dar-nos pão. Alguns mandaram prendas que a tornaram mais atraente. A senhora do Porto,

Notas do tempo

Cont. da PRIMEIRA pág.

elas responder-lhe-ão com nova acuidade de vista, com nova capacidade de resolução.

Este é o projecto de um Povo livre constituído por homens livres, comprometidos todos no aperfeiçoamento social, que sabem passar pela sua vontade de perfeição pessoal.

O Homem, cónscio das suas limitações, gera as estruturas em pensamento e desejo de que elas crivem os seus erros, complementem as suas carências, compensem o que ele deve e não dá e o acordem para o dever e o impulsionem para o seu exercício livre. Mas é ele o senhor delas e elas para ele. Elas são coisas; Ele, pessoa. Como o computador que o génio do Homem construiu e chega num instante aonde Ele só penosamente chegaria.

Homens que sejam homens capazes de imprimir a um Povo a força viva que porá em acção o dinamismo colectivo e O fará levantar-se hoje, de novo, à Sua dimensão autêntica, que é o seu esplendor — onde estarão eles?! Suprirão as suas vozes de comando, «a dos egrégios avós, que hão-de guiar-nos à vitória?»

Padre Carlos

Padre Duarte

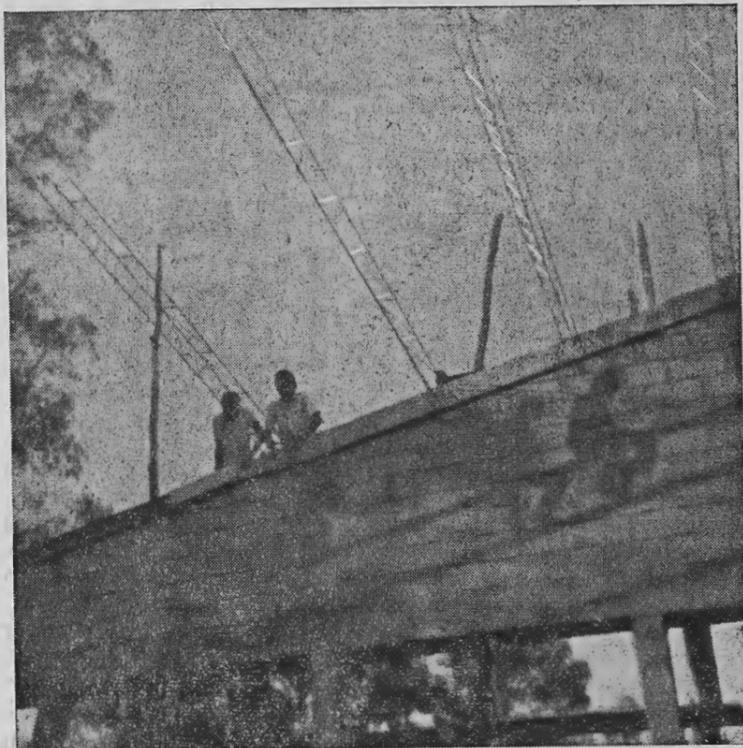
LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

Por esse tempo, foram vários os missionários presos e expulsos, acusados gratuitamente de desviar dinheiro, acções fraudulentas de sabotagem ao processo revolucionário e, à falta de outros motivos, da mais incrível imoralidade. Nunca foram admitidas nem ouvidas quaisquer explicações ou defesas e casos sei, em

que houve pura invenção. Um Bispo, cuja envergadura tem sido torpedeada cá, atreveu-se a ir ao Presidente pedir um inquérito às arbitrariedades e a resposta foi a desculpa de «falta de quadros». Crelo, porém, que após isso não mais se cometeram.

Quando contactei a dita Comissão, na primeira de uma longa série de vezes, foi-me dito que a Casa do Galato já



No Infulene, levantámos, assim, pelas nossas mãos, toda uma obra inteiramente ao serviço das Crianças mais carecidas de Moçambique.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Padre José Maria